

## **LOUCURA E EXPERIÊNCIA HISTÓRICA EM MACHADO DE ASSIS**

**ANA PAULA GIEHL DE OLIVEIRA<sup>1</sup>; AULUS MANDAGARÁ MARTINS<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – ana-giehl@hotmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – aulus.mm@gmail.com

### **1. INTRODUÇÃO**

Este resumo relata o diagnóstico parcial da pesquisa em andamento que se denomina “Loucura e experiência histórica em Machado de Assis”, pertencente ao projeto de pesquisa CNPq-UFPEL “Literatura e experiência histórica”, coordenado pelo professor Aulus Mandagará Martins, vinculado ao grupo de pesquisa “Estudos comparados de Literatura, Cultura e História”, do qual a autora faz parte.

A pesquisa tem como objetivo analisar seis crônicas (publicadas entre 1895 e 1897 pertencentes à série “A Semana”, e o conto “O Alienista”, de 1882, ambos do autor Machado de Assis, verificando de que forma a loucura era representada tanto no módulo ficcional quanto em um gênero efêmero e cotidiano, factual por excelência.

Serão analisados, em conjunto, as características dos gêneros textuais em questão e o contexto histórico, com o fim de compreender a inserção machadiana diante dos impulsos e atitudes políticas e científicas acerca do debate em torno do alienismo no Brasil, que tomou maiores proporções com a chegada do primeiro hospício no país, nos anos 30 do século XIX.

### **2. METODOLOGIA**

A metodologia empregada na presente pesquisa é a análise comparada dos recortes textuais de Machado de Assis – As seis crônicas publicadas entre 1895 e 1897 na série “A Semana” e o conto “O Alienista”, de 1882, sem deixar de levar em conta o suporte teórico relacionado aos estudos cientificistas, utilizando o pensamento do filósofo Michel Foucault acerca do nascimento do hospício e dos discursos científicos sobre a loucura.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O marco inicial para que a discussão sobre a loucura ganhasse espaço no cenário social brasileiro foi a construção do hospício Pedro II, inaugurado em 1852 no Rio de Janeiro, sede da corte imperial. Sua construção foi baseada na arquitetura francesa Maison de Charenton e decorada com estátuas produzidas pelo alemão Ferdinand Petricch. Inspirado nestas características europeias, o hospital de alienados garantia ao país uma base coesa e estabilizadora para enfrentar o confronto político e psiquiátrico da época, levando em conta, também, que a influência dos pensamentos e práticas

advindas da Europa deixariam o Brasil em uma condição de país civilizado e “moderno”.

A questão do alienismo, como resposta da ciência à loucura, buscando um modo de retirar a loucura de um espaço de especulação metafísica e religiosa (TEIXEIRA, 2012), foi fortemente debatida no Brasil entre os séculos XVIII e XIX. A construção do hospício de alienados desencadeou uma briga política e científica. A ciência se comprometia com a análise do quadro das pessoas que ocupariam ou ocupavam o espaço, se responsabilizando por ele. Os representantes políticos, então, contestavam tal posicionamento científico e se diziam os verdadeiros donos do hospício, seguindo o fato de que tinham o domínio das verbas e construíram o sistema que regia cada espaço que governavam.

Visando tal embate, Machado de Assis especulava de que maneira o louco era encarado dentro da sociedade, até que ponto a internação seria eficaz e acabava por passar a ideia de que a posse do hospício deveria passar para quem, de fato, entendesse do assunto, no caso, os próprios alienados, ignorando o embate político e científicista que foi instaurado na época, e que nada foi favorável ao critério humano envolvido no campo da loucura.

Nota-se que em suas crônicas, Machado de Assis relatava impressões cotidianas de uma nação que, mesmo soltando as amarras de Portugal e buscando sua independência, espelhava-se diretamente no modelo europeu de conduzir a política e o poder. O jornal era um meio que confrontava as medidas políticas tomadas pelo poder no século XIX. As crônicas do autor relatavam e ironizavam as mazelas e realidades sociais. Observa-se, ainda, essa postura crítica nas obras ficcionais de Machado de Assis, como no conto aqui analisado. A narrativa, através da sátira e da ironia, gira em torno da chegada do hospício na pequena Itaguaí, o alarme da população diante da novidade e a consequente discussão científicista e política que veio a se estabelecer.

#### 4. CONCLUSÕES

A política detinha o poder monetário e o controle sobre o espaço que governava, enquanto que os estudos científicos buscavam ter a sabedoria e controle sobre todas as coisas, e deste embate que lidava com fatos puramente sociais e humanos, Machado de Assis construiu tanto em textos ficcionais quanto em linhas factuais um panorama que demonstrava o ponto de vista do poder como um todo, e do lado do próprio alienado. O que se lê, então, tanto em um gênero quanto no outro, é uma espécie de alienação do próprio meio científico, uma cegueira, que passa a tomar conta dos constructos sociais com o fim de gerar um controle sobre ela.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO. A vida ao rés-do-chão. CANDIDO, Antonio (org.). **A crônica**; O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas, SP: UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. [p.15-22]

CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). **História em cousas miúdas**; capítulos de história social da crônica do Brasil. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2005. [p.9-19]

CHALHOUB, Sidney. **Acrônica machadiana: problemas de interpretação, temas de pesquisa.** Remate de Males, Campinas, SP, v.29, n.2, jul./dez. 2009.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **A História da Loucura na Idade Clássica.** São Paulo, Perspectiva, 1997.

FRANÇA, Julio. **O Narrador ético: experiências e sabedoria nas crônicas brasileiras do século XIX.** Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2012.

HORROCKS, Chris. **Entendendo Foucault.** São Paulo: LeYa, 2013.

LIMA, Luiz Costa. O palimpsesto de Itaguaí. **Pensando nos trópicos.** Rio de Janeiro: Rocco, 1991. [p. 253-265]

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **O Alienista.** 2ª ed. São Paulo, Ática, 1973.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. A semana. **Obra completa (v.3).** Rio de Janeiro, Nova Aguilar: 1973.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Fuga do hospício e outras crônicas.** 3.ed. São Paulo: Ática, 2005.

MARIA, Luzia de. **Sortilégios do avesso: razão e loucura na literatura brasileira.** São Paulo: Escrituras Editora, 2005.

MURICY, Katia. **A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

OKSALA, Johanna. **Como ler Foucault.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SCHWARZ, Roberto. Duas Notas sobre Machado de Assis. **Que horas são?** São Paulo: Companhia das Letras, 1987. [p. 165-178]

TEIXEIRA, M.O.L.; RAMOS, F.A.DE C.As origens do alienismo no Brasil: dois artigos pioneiros sobre o Hospício de Pedro II. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental,** São Paulo, v. 15, n. 2, p. 364-381, jun.2012.